

# EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

## PEDAGOGIA E DIDÁTICA DAS ATIVIDADES CIRCENSES

RODRIGO MALLET DUPRAT

Grupo de Estudos em Educação Física Escolar – Faculdade de Educação Física (FEF)/  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)/Conselho Nacional de  
Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)  
Mestrando em Educação Física  
E-mail: rodrigomallet@yahoo.com.br

MARCO ANTONIO COELHO BORTOLETO

Professor da FEF-Unicamp  
Doutor em Educação Física pelo Instituto Nacional de  
Educación Física de Cataluña da Universidade de Lleida (INEFC – UdL) - Espanha  
E-mail: bortoleto@fef.unicamp.br

### RESUMO

*O presente artigo apresenta alguns aspectos da dinâmica histórico-cultural da arte do circo, destacando os acontecimentos que foram fundamentais para sua aproximação à educação física. Nossos argumentos ressaltam as atividades circenses como parte importante da cultura corporal e saem em defesa da sua inclusão nas aulas de educação física escolar. Para ilustrar o processo didático-pedagógico que estamos pesquisando e aplicando, descrevemos diversas atividades malabarísticas que compõem um bloco de oito aulas para alunos de primeira e/ou segunda série do primeiro grau (educação fundamental). Esperamos contribuir para a elaboração de uma pedagogia das atividades circenses e modificar a hegemonia da transmissão oral que ainda é a forma mais usual na propagação desses saberes.*

*PALAVRAS-CHAVE: Circo; educação física; pedagogia; didática.*

## INTRODUÇÃO

Quem nunca sonhou em ser um trapezista, em voar livre pelos ares? Quem nunca riu com os palhaços ou mesmo não ficou fascinado por aqueles artistas que de certa maneira faziam o inacreditável tornar-se realidade diante dos nossos olhos? É sobre esse fenômeno artístico que dissertamos neste artigo, sobre a arte do circo, conhecimento milenar, por muito tempo enigmático, marginalizado, restrito, porém sempre fantástico.

Nossa argumentação mostra algumas diferenças do formato antigo e tradicional de circo, com relação a sua nova configuração, denominada de novo circo, destacando algumas mudanças que facilitam o acesso e disseminação desse conhecimento a uma população que até então somente vislumbrava essa prática na forma de público, externamente. Destacamos uma gradual transição entre a maneira oral de transmissão dos saberes circenses, reservada a uns poucos privilegiados, à sistematização e sua aplicação em escolas especializadas. Fato que permitiu a abertura desse universo artístico à profissionais e estudiosos das mais diferentes áreas de atuação, como da dança e do teatro.

Essa dinâmica sociocultural não foi diferente com os profissionais da educação física. Esse novo modelo de circo possibilitou a esses pensadores do corpo considerar esse importante saber da cultura corporal como parte dos conteúdos que devem ser abordados no contexto educacional, mais especificamente nas aulas de educação física escolar. Uma posição que defenderemos ao longo deste texto.

Finalmente, apresentamos um exemplo de aplicação das atividades circenses, tendo o malabarismo como conteúdo, descrevendo alguns dos aspectos pedagógicos e didáticos que norteiam a proposta.

Sinteticamente, discutimos alguns dos aspectos que marcaram a trajetória do circo ao longo dos séculos até sua configuração contemporânea, despejando um olhar crítico a respeito da forma de transmissão desse conhecimento e buscando resenhar elementos básicos em direção a uma futura proposta pedagógica de trabalho na escola. Um projeto que há anos perseguimos e que neste momento começamos a colher os primeiros frutos.

## CIRCO DE ONTEM E DE HOJE

Embora nossa intenção não seja discutir a historicidade do circo<sup>1</sup>, acreditamos oportuno contextualizar essa prática para então poder apresentar nossos argumentos sobre sua vinculação com o universo escolar na atualidade.

---

1. Discussões mais detalhadas sobre a história do circo, no Brasil ou universalmente, podem ser encontradas nas obras de Silva (1996), Duarte (1995), Viveiros de Castro (2005), Bortoleto (2003), Duprat (2004), Bost (1931), Mauclair (1995) e Auguet (1974).

Desde os primórdios das sociedades antigas, a arte do entretenimento vem sendo desenvolvida, retratada e permeada a vida dos mais diferentes povos. Uma arte repleta de mitos, crenças e fantasias, especialmente inspirados no desconhecimento. É com essa finalidade que o circo antigo e também moderno se constrói, como uma forma de encantamento, de fuga, de abstração do mundo real. Uma arte do corpo espetáculo, como diria Soares (1998).

Foi entre os séculos XVIII e XIX que o circo apareceu e estruturou-se como uma arte com entidade própria, apesar de que grande parte desses saberes tenha sido elaborado ao longo de milhares de anos. Nesse período, denominado circo tradicional ou moderno, destacam-se as demonstrações eqüestres em espaços fixos como anfiteatros e teatros, espetáculos com estrutura e rigor militar, bem diferente das características que podemos observar entre os saltimbancos, equilibristas, saltadores e cômicos da Idade Média ou mesmo do Renascimento.

Em muitos lugares esse tipo de espetáculo não encontra espaços adequados, mantendo-se ao ar livre. Essa necessidade dá origem as arenas cobertas por uma “cava” (tenda, carpa ou lona) que com o tempo ganham projeção e se espalham por todo o mundo. Vemos aqui o predomínio dos circos móveis, dos grandes circos, com um núcleo familiar.

Uma estrutura existente até os dias de hoje, que contribui para manter entre poucos os conhecimentos do circo, uma forma de proteção do patrimônio profissional (seu produto artístico mais nobre), e que se baseia em conceitos rígidos, numa cultura única e muitas vezes fechada, enraizada na tradição, na transmissão oral, no circo-família<sup>2</sup>.

De acordo com Bost (1931), a partir da segunda metade do século XIX, surge um rival ao circo de lona, conhecido como *music hall*<sup>3</sup>. Uma forma de espetáculo de “cabaret” que segue a mesma linha das apresentações de circo, tendo duas grandes diferenças: o palhaço não tem espaço nesse espetáculo e, em contrapartida, os cantores ganham um espaço de destaque. O primeiro *music hall* de variedades tem início com a idéia de transportar a cena da pista para o teatro; arte cênica e circo entrelaçam-se e envolvem os acrobatas criando novas perspectivas.

A partir desse período a dinâmica sociocultural já apresenta uma velocidade incrível e não demora muito para o desenvolvimento de novas tendências para o

---

2. Silva (1996) amplia esse debate em sua dissertação de mestrado.

3. Entende-se *music hall* como casa de espetáculo, pode ser caracterizado por dois gêneros de espetáculo profundamente diferentes, um deles o grande espetáculo e outro o *music hall* de variedades ou de atrações (DUPRAT, 2004).

circo<sup>4</sup>. A cultura circense sofre modificações profundas, abrindo-se às demais expressões artísticas (música, dança, teatro gestual, mímica etc.). Um passo fundamental para que o circo passasse a ser ensinado em escolas especializadas, assim como já se fazia com as demais artes do corpo.

Em 1919, o governo soviético cria decretos de nacionalização do circo e dos teatros, fundando em 1927 o curso de arte do circo em Moscou. Nessa escola pública cunha-se os primeiros aspectos de um novo formato estético, uma nova técnica, um novo circo, integrando saberes de outras disciplinas que ainda não compunham o *corpus* do saber circense (JACOB, 1992).

O contato entre os artistas tradicionais do circo e a vanguarda do teatro resulta na criação de um novo conceito, o de circo como arte. Nele a dança clássica, a música e o teatro começam a fazer parte do currículo artístico. São criadas formas de espetáculo com temas, criam-se novos aparelhos, novos espaços, nova gestualidade, novas técnicas. Diretores de teatro são chamados para dirigir os espetáculos e músicos fazem composições especiais sob medida, toda uma revolução. São as primeiras visões do circo novo.

Os pioneiros do circo novo teatralizam os espetáculos, tentando abolir as rupturas ou quebras entre os diferentes números, criando um novo ritmo e, sobretudo, envolvendo todos os artistas na exploração, na criação e experimentação (idem).

O circo deixa de ser um saber apenas transmitido no interior das famílias, dos reduzidos grupos de artistas, e passa a ser um conhecimento a ser tratado e desenvolvido nas escolas especializadas, dando abertura a um maior número de interessados e ampliando assim, de forma exponencial, as possibilidades de ação (expressão artística) dessa arte. Uma tendência que se espalha rapidamente por todo o mundo e que em poucas décadas gera uma nova geração de artistas, com ou sem antecedentes familiares, mas com grande valor artístico.

Por que defendemos a inclusão das atividades circenses na escola?

*Es indispensable que los educadores conviertan las actividades de circo en artes del circo para que en el área de la educación física, el arte del circo sea realmente una vía de expresión – comunicación corporal*

INVERNÓ, 2003.

---

4. Para muitos autores, essa nova concepção de circo pode ser chamada de circo novo, ou circo do homem, um espetáculo estritamente ligado às formas humanas e suas qualidades.

Embora já no início do século XX se observe a configuração das primeiras escolas de circo, é somente a partir da década de 1970 que esse processo se expande verdadeiramente. Na França, o primeiro centro de formação foi a Escola Nacional de Circo Annie Fratellini, criada em 1974. Já em 1984 iniciam-se as atividades do Centre National des Arts du Cirque (Cnac), inspirado no modelo soviético.

No Brasil, a primeira escola de circo, Piolin, instalou-se em São Paulo, no estádio do Pacaembu em 1977. Em 1982, surgiu a Escola Nacional de Circo no Rio de Janeiro. A partir desse momento a multiplicação das escolas de circo foi um passo decisivo para a democratização do saber, seja para um uso profissional ou não. É por isso que a arte do circo pode, hoje em dia, ser aprendida e praticada por inúmeras pessoas que buscam na multidisciplinaridade a criação de coisas novas e diferentes. Provavelmente o circo nunca foi tão popular nesse sentido, nunca tanta gente praticou, nunca se falou e se viu tanto circo.

Como já aconteceu com outras atividades, como o esporte, a pintura e a dança, o circo deixou de ser uma atividade unicamente profissional (corpo espetáculo – um meio de trabalho). Atualmente observamos muitas pessoas praticando as atividades circenses como forma de lazer-recreação, com fins educativos e sociais (BORTOLETO; MACHADO, 2003).

É por isso que nesse momento devemos discutir as características da aplicação do circo em cada um dos âmbitos mencionados (recreativo, educativo, social e profissional), contextos tipicamente dirigidos aos profissionais de educação física. Compreender esse novo perfil do público, seus objetivos, necessidades, possibilidades, será tarefa fundamental ao profissional responsável pelas atividades. Conseqüentemente, temos de desenvolver uma pedagogia que dê conta dessas novas necessidades, desse novo espaço de atuação<sup>5</sup>.

No presente artigo interessa-nos destacar a inclusão das atividades circenses no contexto educacional. Nesse sentido, entendendo que a escola é um dos principais meios de transmissão e produção de cultura e considerando o circo uma parte importante da cultura corporal (idem, p. 65), podemos justificar a inclusão desse conhecimento no universo educativo como um conteúdo pertinente. Mais especificamente, como um conteúdo particular ao professor de educação física, responsável pela transmissão da cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Tendo em vista que a educação física tem como conteúdos clássicos da cultura corporal o jogo, o esporte, as lutas, as danças e a ginástica (idem), a arte do circo ajudará a enriquecer ainda mais esse legado cultural a ser ensinado e a formação humana de forma global, algo que defende Pérez Gallardo (2002).

---

5. Para maior aprofundamento sobre essa questão consultar Bortoleto e Machado (2003)

Dessa forma entendemos que o circo é, como nos alerta Invernó (2003), uma atividade expressiva, que reúne toda uma série de conhecimentos de alto valor educativo, que lhe dão coerência e justificam sua presença no currículo educativo. Uma atividade que requer uma pedagogia própria, ou ao menos preocupada com suas particularidades. Todo um desafio aos professores de educação física que abrimos para debate nesta oportunidade.

### O espaço escolar

Refletindo sobre o processo de ensino-aprendizagem, Pérez Gallardo (2003) propõe uma “postura didática” do profissional, que deve ser adotada pelo professor para viabilizar as trocas entre a cultura corporal entendida por ele e a cultura corporal própria do aluno, sendo fundamental considerar as experiências e vivências anteriores. Um posicionamento que abrirá as portas para o conhecimento de outras culturas, sempre de forma contextualizada.

Em virtude das características do meio escolar e da maioria das atividades desenvolvidas com a comunidade, esse mesmo autor relata a existência de três formas de aplicação dos conteúdos da educação física (vivência, prática e treinamento), sendo que cada um deles envolve interesses diferentes. Na escola estaremos trabalhando com apenas os dois primeiros, já que não é dever da escola tratar do terceiro (PÉREZ GALLARDO, 2003).

Assim sendo, a educação física escolar fica responsável pelo espaço de “vivência”, tendo como objetivo central colocar os alunos em contato com a cultura corporal. O interesse pedagógico não está centralizado no domínio técnico dos conteúdos, mas sim no domínio conceitual deles, dentro de um espaço humano de convivência, no qual possam ser vivenciados aqueles valores humanos que aumentem os graus de confiança e de respeito entre os integrantes do grupo.

Ainda na escola, no entanto nas atividades extracurriculares<sup>6</sup>, podemos dar um maior refinamento no trato do conhecimento, dessa forma estaríamos trabalhando a “prática”, um espaço de livre organização dos alunos, em que eles escolhem os conteúdos e/ou elementos da cultura corporal que foram vistos na aula de educação física (em forma de vivência) e que despertaram maior interesse neles. O objetivo do professor de educação física para esse espaço é fazer com que os alunos aprendam a dominar e estabilizar as técnicas de execução dos conteúdos escolhidos. Aqui se aumenta o tempo de experimentação e existe uma maior preocupação com a técnica (forma de execução).

---

6. Para maiores esclarecimentos a respeito do assunto, consultar Linsmayer Gutierrez (2004).

Cabe ressaltar que em todos os âmbitos de atuação o profissional de educação física deve estar preocupado com a formação humana, independente do nível de aprofundamento, capacitando seus alunos numa ampla esfera de conhecimento, e permitindo a todos aumentar suas possibilidades de interação com seus companheiros, assim como fazendo deles pessoas importantes para seu grupo social.

## O UNIVERSO CIRCENSE E SUAS MODALIDADES

Tentar classificar as modalidades circenses é de extrema dificuldade por conta de sua variedade. De acordo com Bortoleto e Machado (2003), existem classificações elaboradas do ponto de vista do tipo dos materiais, outras que utilizam como critério as ações corporais, ou ainda algumas que analisam as características do material e de sua utilização (a manipulação, os vôos, saltos etc.), como por exemplo a realizada por Oliveira (1990).

A maioria dos autores que estuda esse fenômeno, como é o caso de Invernó (2003, p. 25), baseia suas práticas pedagógicas na classificação realizada pelo Cnac da França, agrupando as técnicas do circo em: equilíbrio, atividades aéreas, acrobacia, manipulação e ator de circo.

No entanto, todos esses esforços foram elaborados para a aplicação dessas atividades em escolas especializadas na formação de artistas profissionais. Buscando uma maior adequação ao âmbito educativo, nosso foco de atuação, estudamos alguns dos aspectos que caracterizam as diferentes modalidades circenses. Numa primeira aproximação, focamo-nos nas habilidades que formam parte das diferentes modalidades e propomos uma classificação em relação às ações motoras gerais (DUPRAT, 2004), como representado nos quadros 1 e 2.

Em razão da grande variedade e possibilidades a arte circense exerce um fascínio no público e fundamentalmente nos praticantes. Toda uma aventura que jamais se esgotará. Para uma educação física que tenha como pressuposto básico a diversidade, proporcionando a maior variedade de movimentos e ações corporais e enriquecendo assim o repertório motor e cultural, é extremamente importante fazer aqui algumas ressalvas para trabalhar a arte circense no âmbito educacional.

Pensando a educação física escolar como uma disciplina generalista, lúdica, que tem como requisito primordial a vivência motora, devemos observar a infraestrutura, a condição prévia dos alunos, a formação especializada do professor e a segurança da atividade, diminuindo os fatores de risco e outros aspectos que poderão prejudicar a atuação docente (BORTOLETO; MACHADO, 2003). Todos esses aspectos irão compor nosso projeto de pedagogia das atividades circenses.

QUADRO 1 – CLASSIFICAÇÃO DAS MODALIDADES CIRCENSES  
DE ACORDO COM AS AÇÕES MOTORAS GERAIS

Acrobacias	Aéreas	Diferentes modalidades de trapézio, tecido, lira, quadrante, corda.
	Corpóreas	De chão (solo), duplas, trios e grupos, banquinhas, mastro chinês, contorcionismo, jogos icários.
	Trampolim	Trampolim acrobático; mini-tramp; balsa russa; maca russa.
Manipulações	de objetos	Malabares (bolas, claves, <i>devil stick</i> , diábolo, caixas, com fogo), <i>swing</i> (claves e bastões), tranca, contato, ilusionismo, prestidigitação, mágica, faquirismo, fantoches e ventriloquia.
Equilíbrios	de objetos	Claves, bastões, antipodismo.
	sobre objetos	Perna-de-pau, monociclo, arame, corda bamba, bicicleta, rolo americano (rola-rola).
	Acrobáticos	Paradismo (chão e mão-jotas), mão a mão (duplas, trios e grupos), jogos icários.
Encenação	Artes corporais	Arte cênica, dança, música.
	Palhaço	Diferentes técnicas e estilos

QUADRO 2 – CLASSIFICAÇÃO DAS MODALIDADES CIRCENSES  
DE ACORDO COM O TAMANHO DO MATERIAL\*

Modalidades com materiais de tamanho grande	Trapézio (volante ou fixo), balsa russa, mastro chinês, balança russa.
Modalidades com materiais de tamanho médio	Monociclo, perna-de-pau, bolas de equilíbrio, tecido, corda vertical, arame (funambulismo), corda bamba, bicicletas de especiais (acrobáticas e/ou de equilíbrio), trampolim acrobático (cama elástica), paradismo (mesa-pulls), balança coreana.
Modalidades com materiais de tamanho pequeno	Malabares, rola americano (rola-rola); mágica e faquirismo (com material pequeno: moedas, baralhos etc.), pirofagia, fantoches e marionetes.
Modalidades sem materiais (corporais)	Acrobacias: de chão (solo), mão a mão (duplas), em grupo, canastilha, contorcionismo, equilíbrio corporal individual: paradismo, verticalismo (solo), <i>clown</i> (palhaço), mímica, ilusionismo (sem a utilização de instrumentos e/ou materiais), ventriloquia.

\* Quadro adaptado de Bortoleto e Machado (2003, p. 61)



Em resposta a essas necessidades elaboramos nos últimos anos uma outra taxonomia (organização) das modalidades circenses, que tem como critério o tamanho dos materiais utilizados, e que objetiva a “adequação” de cada modalidade nas aulas de educação física.

De forma geral entendemos que o papel fundamental da educação física escolar é proporcionar o contato das crianças com a cultura corporal existente no circo, em um nível de exigência elementar, destacando as potencialidades expressivas e criativas, além dos aspectos lúdicos dessa prática. Assim sendo, as modalidades que necessitam de pouca infra-estrutura, como as que utilizam materiais de tamanho pequeno e as que não utilizam nenhum tipo de material, são consideradas as de mais fácil aplicabilidade na escola.

As modalidades que exigem materiais de médio e grande porte poderiam ser trabalhadas no ambiente escolar respeitando condições como infra-estrutura, segurança adequada e capacitação profissional. Concordando com Bortoleto e Machado (2003), essas modalidades poderiam ser trabalhadas em horários extracurriculares, como conteúdo complementar.

Ainda adequando as modalidades circenses ao ambiente escolar devemos ter em mente a segurança e integridade de nossos alunos. É por isso que acreditamos que as modalidades que de alguma maneira exacerbam deformidades (freakismo), ou que possam degradar de alguma maneira o corpo com a utilização de materiais perfurantes (faquirismo) e a manipulação do fogo (pirofagia), não são indicadas para o ambiente escolar.

#### Pedagogia das atividades circenses: o caso dos malabares

Optamos para esta oportunidade, a título ilustrativo, tratar da modalidade circense de malabarismo (malabares), embora tenhamos tratado outros temas como a perna-de-pau (BORTOLETO, 2003) ou o rola-bola (BORTOLETO, 2004). Nossa decisão está respaldada por ser uma atividade que requer material de pequeno porte, de fácil e barata fabricação, de baixo preço e acessível a todos os alunos.

Constitui uma atividade de manipulação (Quadro 1) que se baseia no controle de objetos no ar. Por definição, é a operação de recolher de forma contínua, segundo uma trajetória sempre similar, uma série de objetos em número sempre superior ao de mãos. Por exemplo: uma mão lançando duas bolas, ou duas mãos lançando três bolas.

Como subsídios contextuais devemos saber que o termo “malabares” foi tomado da costa de Malabar (região do sudoeste da Índia), como aponta o *Dicionário crítico etimológico* de J. Corominas (apud Comes et al., 2000, p. 5): “malabar, juegos, así llamados por la destreza com que los ejecutan ciertos habitantes de esta

región costeña del S.O. de la Índia". Uma destreza com que os habitantes dessa região manipulavam determinados objetos.

A representação mais antiga que conhecemos sobre essa prática, antes mesmo de receber tal definição, encontra-se no Egito, na décima quinta tumba de Beni Hassan, príncipe do Império Médio entre 1994 e 1781 a.C. De acordo com Comes et al. (2000), há imagens de figuras malabarísticas decorando objetos, os quais simulam a destreza de mulheres egípcias utilizando-se de várias bolas.

Em diferentes culturas, muitos xamãs ou pessoas relacionadas aos rituais religiosos utilizavam-se dessa prática para atrair e convencer os demais de seus poderes sobrenaturais. Um fascínio que ainda hoje é explorado no malabares. Na Europa, durante a Idade Média, os saltimbancos eram muitas vezes músicos, comediantes, ilusionistas e malabaristas. Desde o início do século XIX até meados do século XX expande-se o malabarismo como uma arte própria. São os *music halls* e, principalmente, os circos que oferecem em suas representações números de malabarismos de altíssimo nível.

Depois do *boom* surgido nos anos de 1960, sobretudo na América do Norte, parece que houve uma queda do trabalho de malabarismo, coincidindo com a decadência da cultura *hippie* e do circo. Atualmente, constata-se um ressurgimento da arte malabarista junto com as outras modalidades circenses, utilizadas não somente como espetáculo, mas também buscando outros âmbitos, principalmente o educativo e o recreativo.

Entendemos que essas modalidades não estão somente vinculadas ao circo, mas agora podem ser desenvolvidas isoladamente ou podem ser subsídios para espetáculos teatrais e de dança.

Considerando os malabarismos um lançamento limitado pelo tempo e trajetória de vôo de um ou mais objetos e sua recepção, não se supõe que para sua aprendizagem todas as situações propostas deverão cumprir esse requisito. Nesse sentido, consideramos interessante flexibilizar o conhecimento para melhor adaptação desse conteúdo ao ambiente escolar; dessa forma, utilizamos os jogos de malabares.

Concordamos com Comes et al. (2000, p. 10), quando afirmam que os jogos de malabares são "actividades lúdicas que ponen em juego alguno de los aspectos básicos de los malabarismos (manos bajas, amortiguar, mirada arriba y ritmo) aunque no sean malabarismos propiamente dichos". (Comes et al., 2000, p. 10). Nesse caso, o aprendizado mediante os jogos de malabares não só torna-se um trabalho mais agradável e ameno que utilizando apenas o malabarismo, mas também desenvolverá uma maior bagagem e domínio motor, graças às múltiplas situações com que os alunos podem deparar-se.

Pode-se realizar malabarismos com qualquer tipo de objeto que permita ser agarrado e cujo peso e tamanho não impeça sua manipulação. É possível usar objetos de pouca tradição (sapatos, bolas de meia etc.); obviamente existem medidas e materiais que facilitam esse processo. Porém, existem materiais específicos desenvolvidos e aperfeiçoados ao longo dos tempos para essa prática, que podem ser adaptados ao ambiente escolar:

- lenços ou panos: existem diferentes medidas e texturas, mas sua característica comum é o maior tempo de permanência no ar durante lançamento (Figura 1);
- bolas: podem ser ocas ou recheadas (com alpiste, areia, arroz etc.). Seu peso varia de 110 a 130 gramas e seu diâmetro entre 50 a 100mm, mas existem bolas de diversos pesos e medidas (Figura 2) ;
- aros: formados por dois círculos concêntricos. Com eles chega-se a manusear o máximo número de objetos (Figura 3) ;
- claves: objeto de três eixos composto por um corpo ou cabo e pela “cabeça”, na qual se concentra seu maior peso. Essas características outorgam-lhe amplas possibilidades de giros e equilíbrios. Por sua espetacularidade tornou-se um dos materiais mais utilizados pelos malabaristas profissionais (Figura 4).



Figura 1 : lenço.



Figura 2: bolas.



Figura 3: aros.



Figura 4: claves.

Dada a característica pedagógica deste texto, escolhemos alguns jogos<sup>7</sup> para ilustrar o desenvolvimento das aulas de educação física. Essas atividades foram adaptadas aos alunos de primeira e/ou segunda série do ensino primário (7-8 anos) e vêm sendo trabalhadas em cursos e oficinas dentro e fora da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF-Unicamp) durante os últimos seis anos. Essas atividades foram ainda organizadas segundo seu nível de complexidade, buscando que os alunos compreendam o significado e as relações existentes com suas outras atividades do cotidiano.

7. Os jogos estão organizados de acordo com o modelo de ficha desenvolvido por Bortoletto (2006).

## JOGO 1

Denominação	Desafio dos lenços	Idade recomendada	A partir de 5 anos
Espaço requerido	Preferência interior (exterior sem a presença de vento), mínimo de 2m <sup>2</sup> por pessoa.	Número de participantes	Ilimitado
Duração	Em torno de 15 minutos	Nível de dificuldade	Básico
Material necessário	Um lenço (tule de 50 x 50cm) por jogador, podendo ser substituído por saco plástico de supermercado para baratear o custo (material alternativo).		
Descrição (regras e procedimentos do jogo)	O jogo começa com a exploração do material por parte dos participantes. É importante ressaltar que o objetivo desse jogo é não deixar que o lenço toque o solo, devendo ser recepcionado antes disso. Os alunos devem manusear o objeto de distintas maneiras: jogando por trás das costas, por baixo do braço, jogando e dando um giro no próprio eixo, entre outras possibilidades. Depois dessa fase e do reconhecimento do material, iniciam os desafios. 1º desafio: abrir o lenço sobre a cabeça; olhando para cima o jogador tentará com um assopro forte manter o lenço no ar. 2º desafio: lançar o lenço e bater o maior número de palmas possíveis, antes de recepcioná-lo. 3º desafio: lançar o lenço, bater uma palma na frente do corpo, outra atrás do corpo, uma debaixo da uma perna e recepcioná-lo.		
Variações	Existem inúmeras variações dos desafios propostos, uma possibilidade é deixar com que os praticantes em pequenos grupos proponham seus próprios desafios.		
Medidas de segurança	Manter um espaço mínimo entre os jogadores para que não se choquem ou se golpeiem acidentalmente ao tentar agarrar os lenços.		

## JOGO 2

Denominação	Para quem passar	Idade recomendada	A partir de 7 anos
Espaço requerido	Interno ou externo	Número de participantes	Grupos de 5 a 7
Duração	Indeterminada	Nível de dificuldade	Básico
Material necessário	Uma bola de esporte tradicional, como futebol, basquete ou handebol. Materiais alternativos como bolas de borracha, meia ou jornal. Materiais específicos próprios de malabarismo.		
Descrição (regras e procedimentos do jogo)	Usando uma bola por grupo, a primeira pessoa fala o nome de uma outra para quem ela irá jogar a bola, lembrando que é uma brincadeira de cooperação, devendo preocupar-se com a maneira de jogar a bola, permitindo para o jogador que for recepcioná-la fazê-lo de uma maneira confortável. Após agarrar a bola, este deve falar o nome de outra pessoa e fazer um lançamento em sua direção.		
Variações	Pode-se variar as maneiras de lançamento e de recepção, por exemplo: lançar por cima da cabeça, ou com uma mão, ou por trás do corpo; e recepcioná-la com uma mão, dando um giro. Ao dizer o nome da próxima pessoa a receber a bola, o jogador poderá dissimular e blefar, olhando para uma pessoa e falar o nome de outra, respeitando a regra principal de que a bola deve ir para a pessoa cujo nome foi falado.		
Medidas de segurança	Mínimas, preocupando-se com possíveis choques entre os participantes.		

### JOGO 3

Denominação	Siga a bola mestra	Idade recomendada	A partir de 8 anos
Espaço requerido	Interno ou externo	Número de participantes	Grupos de 5 a 7
Duração	Indeterminada	Nível de dificuldade	Intermediário
Material necessário	Bolas de malabarismo de diferentes tamanhos e cores.		
Descrição (regras e procedimentos do jogo)	O grupo formará um círculo de frente para o centro. A pessoa que inicia a jogada deve falar o nome do jogador para quem irá jogar a primeira bola, a segunda deve ir para a mesma pessoa, sem a necessidade de repetir seu nome. Após recepcionar a primeira bola e antes que receba a segunda, o outro jogador deve anunciar outra pessoa e jogar a primeira bola e em seguida a segunda. É importante que os participantes nunca permaneçam com duas bolas na mão, ou seja, devem lançar uma antes de receber a outra.		
Variações	Para aumentar o grau de dificuldade podemos adicionar gradativamente mais bolas. Lembrando que as demais devem fazer uma seqüência de ordem, por exemplo, por cores: a primeira azul, a segunda verde, a terceira amarela. Para dar uma continuidade ao jogo, o integrante que recepcionar a bola nunca deve ter duas bolas nas mãos, deve jogar a primeira antes que a segunda chegue, e jogar a segunda antes que a terceira chegue e assim sucessivamente.		
Medidas de segurança	Mínimas, preocupando-se com possíveis choques entre os participantes.		

## JOGO 4

Denominação	O tempo do malabarismo	Idade recomendada	A partir de 7 anos
Espaço requerido	Interno ou externo	Número de participantes	Indeterminado
Duração	Indeterminado	Nível de dificuldade	Básico
Material necessário	Duas a três bolas de malabares por dupla.		
Descrição (regras e procedimentos do jogo)	Em duplas um de frente para o outro, cada um com a pose de uma bola, em uma distância razoavelmente próxima, devem ao mesmo tempo trocar as bolas, explorando as formas de lançar e recepcionar. Em um segundo momento, cada dupla terá três bolas, um dos jogadores iniciará o jogo com duas bolas nas mãos, enquanto o outro terá apenas uma. O jogo começa quando o primeiro lança uma bolinha para seu companheiro; este, antes de recepcioná-la, deve lançar a sua para o primeiro jogador, que antes de recebê-la lançará a outra bola que estava em sua mão. Temos três objetos e apenas dois integrantes e para que nenhum deles tenha duas bolas nas mãos é necessário que o trocar de bolas seja alternado.		
Variações	Para um melhor entendimento do tempo das bolinhas no ar, solicitamos que as duplas joguem e recepcionem com as duas mãos ao mesmo tempo, isso porque não poderão ter duas bolas nas mãos nesse momento. Variar a mão que joga e recebe, somente as mãos direitas, as esquerdas, um com a direita e o outro com a esquerda. Variar a posição do corpo, jogar um de lado para o outro, abraçados, um joga com a mão direita o outro com a esquerda, respeitando o tempo das bolas, sempre uma das bolas deve estar no ar para que o outro possa livrar-se da sua e recepcionar a outra.		
Medidas de segurança	Mínimas		

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como debatemos neste texto, o circo é um conhecimento emergente em nossa sociedade, apesar de sua longa história. Nesse sentido, observamos a crescente abertura de escolas de circo, clubes e academias que ensinam essas atividades, assim como a prática informal dessa arte em outros espaços públicos ou privados. Da mesma forma, vemos um aumento significativo das escolas que têm tratado esse tema durante as aulas de educação física.

Somos testemunhas ainda da realização de alguns eventos (congressos<sup>8</sup>, seminários, encontros e festivais) acadêmicos e populares, como, por exemplo, o Fórum Regional: diferentes visões do Circo, realizado em novembro de 2005 na FEF-Unicamp. Citamos ainda a recentemente inauguração, por parte da Faculdade de Educação Física da Universidade Bourgogne (França), da habilitação superior denominada "Gestion et développement des activités physiques artistiques: danse, arts du cirque et arts martiaux". Portanto, faz-se necessário discutir e desenvolver uma pedagogia que dê conta da aplicação das atividades circenses nas aulas de educação física e nos demais âmbitos de prática.

Apesar da eminente necessidade de um conhecimento sistematizado (metodologia) das atividades circenses, que atenda à demanda mencionada, poucos são os artigos científicos e outras publicações que abordam esse assunto. Entre as exceções que merecem destaque está o livro em espanhol de Alain Fouchet (originalmente em francês), intitulado *Las artes del circo: una aventura pedagógica*, e alguns textos publicados em periódicos de divulgação, como a *Revista Palco Aberto* (São Paulo). Após realizar uma exaustiva revisão de literatura, constatamos a escassez de referências nessa área, reforçando nossa tese e a importância deste trabalho.

Queremos ressaltar que o circo vem revelando-se um grande aliado da educação física no que diz respeito a sua contribuição como conhecimento a ser tratado no âmbito escolar. Um excelente veículo condutor para uma educação física mais artística, mais dedicada às atividades de expressão corporal, de acordo com o que Pérez Gallardo nos indica: "Acredito numa Ciência que permita entender a

---

8. Nas últimas quatro edições do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace, 1999 a 2005) encontramos apenas dois trabalhos relacionados com a temática circo ("O circo chegou: uma proposta metodológica para a ginástica escolar", de M. Goyaz e I. S. Silva, 2001, na p. 82; "O circo novo no festival de inverno da UFPR", de R. França e R. de S. Moreira, 2005, na p. 286). Também tivemos acesso a outros estudos publicados em diferentes eventos acadêmico-científicos, como, por exemplo, no Congresso Latino-Americano de Educação Motora, Congresso Científico Latino Americano de Educação Física e Esportes e Congresso de Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa.



Arte de se movimentar, onde o paradigma de orientação seja o ser humano no convívio social e o objeto de estudo seja o gesto, dado que este é um movimento com significado e intenção” (2003, p. 91).

Da mesma forma, como indica Bortoleto (2006, p. 17), estamos convencidos de que “estos juegos circenses despiertan sensaciones y producen una motricidad que ayuda al desarrollo de varios aspectos de la conducta humana o con las actividades del circo”, o que contribui de forma especial na formação humana de nossos alunos. Uma atividade que põe em destaque a criatividade, a cooperação, a interculturalidade, a expressão corporal, assim como as habilidades e capacidades.

Finalmente devemos salientar que é de extrema importância identificar o conhecimento prévio de nossos alunos, identificando o que eles sabem sobre a arte do circo ou algum aspecto dela inerente, e possibilitar a eles que a compreensão desse fenômeno seja ampla e consistente, pois o que sabemos é que ela é muito sedutora. Que seja assim por muito mais tempo, mas que nossos alunos saibam de onde partir e trilhem novos caminhos e possibilidades para onde querem chegar. Esse é o papel do educador, como salientam Neira e Nunes (2006), dar subsídios para que nossas crianças sejam autônomas e conscientes de seus atos.

### School Physical Education: pedagogic and didactic aspects of circus activities

*ABSTRACT: This article looks at some aspects of the historical and cultural dynamics of Circus Arts, giving particular attention to some of the factors that have stimulated their encounter with School Physical Education. Our arguments see circus activities as an important part of body culture and advocate their inclusion in school physical education curriculum. In order to illustrate the didactic and pedagogical process that we are doing research on and attempting to apply, we have described a variety of activities related to juggling that make up a block of eight classes for first and/or second grade students (primary school). We aim to contribute to the elaboration of a pedagogy of circus art activities and in this regard modify the current hegemony of oral transmission, which at present continues to be the major form of dissemination of this specific knowledge.*

*KEY WORDS: Circus; Physical Education; pedagogy and didactics.*

### Educación física escolar: pedagogía y didáctica de las actividades circenses

*RESUMEN: El presente artículo presenta algunos aspectos de la dinámica histórico-cultural del arte del Circo, destacando los hechos que fueron fundamentales para su*

(continua)

(continuação)

*aproximación a la Educación Física. Nuestros argumentos resaltan las actividades circenses como parte importante de la cultura corporal y defienden su inclusión en las clases de educación física escolar. Para ilustrar el proceso didáctico-pedagógico que estamos investigando y aplicando describimos diversas actividades malabaristas que componen una unidad didáctica de ocho clases para alumnos de primer y/o segundo curso de la educación fundamental. Esperamos contribuir para la elaboración de una pedagogía de las actividades circenses y para el cambio de la hegemonía de la transmisión oral que aún es la forma más común para comunicar estos conocimientos.*

*PALABRAS CLAVES: Circo; educación física; pedagogía y didáctica.*

## REFERÊNCIAS

AUGUET, R. *Histoire et Légende du Cirque*. Paris: Flammarion, 1974.

BORTOLETO, M. A. C. A perna de pau circense: o mundo sob outra perspectiva. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 9, n. 3, 2003.

\_\_\_\_\_. Rola-bola: iniciação. *Revista Movimento & Percepção*, Espírito Santo de Pinhal, v. 4, n. 4-5, p. 100-109, jan./dez. 2004.

\_\_\_\_\_. Circo y educación física: los juegos circenses como recurso pedagógico. *Revista Stadium*, Buenos Aires, ano 35, n. 195, p. 15-26, mar. 2006.

\_\_\_\_\_.; MACHADO, G. de A. Reflexões sobre o circo e a educação física. *Revista Corpoconsciência*, Santo André, n. 12, p. 41-69, 2003.

BOST, P. *Le cirque et le music hall*. Paris: Copyright, 1931.

COLETIVOS DE AUTORES. *Metodología do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

COMES, M.; GARCÍA, I.; MATEU, M.; POMAR, L. *Fichero: jogos malabares*. Barcelona: INDE Publicaciones, 2000.

DUARTE, R. H. *Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

DUPRAT, R. M. *A arte circense como conteúdo da educação física*. Relatório Final (Iniciação Científica) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

FOUCHET, Alain. *Las artes del circo: una aventura pedagógica*. Buenos Aires: Editora Stadium, 2006.

INVERNÓ, J. *Circo y educación física: otra forma de aprender*. Barcelona: INDE Publicaciones, 2003.

JACOB, P. *Le cirque: un art à la crise des chemins*. Découvertes: Gallimard, 1992.

LINSMAYER GUTIERREZ, L. A. *Espaço extra-escolar: fundamentação acadêmica e importância do professor de educação física*. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Movimento Humano) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MAUCLAIR, D. *Un jour aux cirque*. Paris: Bordas, 1995.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativa*. São Paulo: Phorte, 2006.

OLIVEIRA, J. A. de (Org.). *Circo*. São Paulo: Prêmio, 1990. Biblioteca Eucatex de Cultura Brasileira.

PÉREZ GALLARDO, J. S. *Discussões preliminares sobre os objetivos de formação humana e de capacitação para a Educação Física Escolar, do berçário até a quarta série do ensino fundamental*. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Educação física escolar: do berçário ao ensino médio*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

SILVA, E. *O circo: sua arte e seus saberes: o circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX*. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

SOARES, C. L. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 1998.

VIVEIROS DE CASTRO, A. *Textos da pesquisadora*. Disponível em: <<http://centraldocirco.art.br/>>. Acesso em: 26 ago. 2005.

Recebido: 31 maio 2006

Aprovado: 11 set. 2006

Endereço para correspondência  
Marco Antonio Coelho Bortoleto  
Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas  
Departamento de Educação Motora  
Rua Érico Veríssimo, 701 – Cidade Universitária “Zeferino Vaz”  
Campinas - SP  
CEP 13083-851  
CP 6134